

Natalia Czopek 

Universidade Jaguelónica

Universidade Palacký em Olomouc

natalia.1.czopek@uj.edu.pl

***Sandjá sá mlágo magi ê sa pichi gôdo*¹ –
algumas notas sobre o crioulo forro, joia da
“coroa do mar”**

Resumo:

O objetivo principal do nosso trabalho é descrever os traços morfossintáticos do crioulo forro de São Tomé e Príncipe presentes no *corpus* de exemplos provenientes dos materiais recolhidos *in loco* em fevereiro de 2016, isto é, registos escritos de textos da tradição oral são-tomense de diversa índole. Interessa-nos analisar os processos de expressão das relações de TMA (tempo-modo-aspeto), de marcação do número e do género, de serialização verbal, etc. Além disso, pretendemos salientar alguns aspetos da ortografia e deixar algumas observações comparativas entre esta língua e o crioulo de Cabo Verde.

Palavras-chave: Crioulo forro, São Tomé e Príncipe, Morfossintaxe, Línguas em contacto, Oralidade

Abstract:

***Sandjá sá mlágo magi ê sa pichi gôdo* – A Few Notes about Forro Creole, a Jewel in the “Crown of the Sea”**

The main objective of our work is to describe the morphosyntactic features of Forro Creole, spoken in SãoTomé and Príncipe, using a corpus that includes

¹ A sardinha é magra mas é peixe de qualidade (provérbio são-tomense).

materials collected during fieldwork in February 2016, such as written records of various texts belonging to the São Tomé oral tradition. We are interested in analysing the processes of expression of TMA (time-mode-aspect) relations, number and gender marking, and verbal serialization. In addition, we want to highlight some aspects of the spelling and make some comparative observations with Cape Verdean Creole.

Keywords: Forro Creole, São Tomé and Príncipe, morphosyntax, language contact, oral literature

O objetivo principal do presente trabalho é descrever os traços morfossintáticos que observámos num *corpus* de exemplos em crioulo forro, criado com base nos materiais recolhidos durante uma viagem à ilha de São Tomé organizada em 2016, no marco de colaboração da Cátedra Vergílio Ferreira do Camões, I.P. (Universidade Jagelónica de Cracóvia) com o Centro de Língua Portuguesa em Praga. Ao mesmo tempo, pretendemos pôr em realce a importância da oralidade nas sociedades africanas, já que a língua crioula em análise continua a ser maioritariamente um sistema de comunicação oral e, por conseguinte, os materiais referidos incluem textos de tradição oral reunidos por Santo (1998a) e Salvaterra (2009). Em alguns casos, para ilustrar certas características linguísticas com um maior número de vocábulos e construções diversificadas, acrescentam-se exemplos providenciados em Santo (1998b), Hagemeyer (2009), Hagemeyer e Alexandre (2012) e Hlibowicka-Węglarz (2013). Dado que um dos problemas fundamentais relacionados com a produção textual em línguas crioulas é sempre a elaboração de um alfabeto que satisfaça todas as necessidades linguísticas dos seus falantes, tecem-se também algumas observações sobre as tentativas de padronização ortográfica do crioulo forro. Em último lugar, para colocar o forro dentro da “família” dos crioulos de base portuguesa em África, escolhem-se os traços que podem servir como termos de comparação com um representante do grupo da Alta Guiné, a língua cabo-verdiana, analisada em vários trabalhos nossos (Czopek, 2016, 2017, 2018, 2020). Estas observações finais justificam-se também pelo facto de o *kabuverdiano* se poder incluir

no repertório das línguas faladas em São Tomé e Príncipe devido às ligações históricas e sociais entre os dois países (Agostinho, Lima, 2017: 209, 212–214).

Contexto histórico-social

A diversidade linguística de São Tomé e Príncipe é, naturalmente, resultado da sua história e complicados processos sociais. No século XV, o rei português D. Afonso V arrendou as terras africanas que lhe pertenciam a Fernão Gomes, no marco de um contrato que o obrigava a avançar cem léguas ao longo da costa africana ocidental. Este encarregou João de Santarém e Pêro Escobar de explorarem as ditas zonas e, assim, os primeiros portugueses chegaram às ilhas de São Tomé e Príncipe em 1470–71, encontrando-as desabitadas (Santo, 1998a: 15)². A sua exploração começou só em 1485, sendo a ilha de São Tomé a primeira a receber colonos³. Apesar de a zona oferecer terras férteis para o cultivo e a Coroa portuguesa propor vários benefícios, o clima tropical e as doenças fizeram com que fosse um processo complicado e demorado. A região, durante muito tempo, tinha fama de ser o “lugar da morte”. Os principais grupos que seguiam para as novas terras eram de comerciantes europeus de diferentes nacionalidades (castelhanos, franceses, genoveses), portugueses do

² Salvaterra (2009: 12) inclina-se mais para 1470, mais precisamente para 21 de dezembro de 1470, dia de São Tomé. No entanto, assinala que nem a data nem os nomes dos primeiros portugueses estão completamente esclarecidos. Quanto à ilha do Príncipe (antigamente ilha de Santo Antão), é possível que tenha sido encontrada ao navegarem, nesta mesma viagem, a caminho da Costa da Mina, a 17 de janeiro de 1471, dia de Santo Antão ou de Santo António Abade. Em Oliveira *et al.* (1999: 302), prefere-se a incerta referência de João de Barros, isto é, entre 1469 e 1472. Hagemeyer (1999a: 75) propõe o período entre 1471 e 1472.

³ Hagemeyer (1999a: 75) informa-nos sobre a existência de indícios de povoamento que datam da década de 80 do século XV, mas defende que o primeiro povoamento em larga escala e de caráter definitivo se deu só em 1493. As ilhas de Príncipe e de Ano Bom foram povoadas a partir de São Tomé. Na altura, a ilha de Ano Bom ainda fazia parte do arquipélago. O seu povoamento acabou em 1510 (Hlibowicka-Węglarz, 2013: 108).

continente, sobretudo os que fugiam à lei e procuravam melhores condições de vida, portugueses da Madeira, judeus e neófitos. No século XVI, começou a desenvolver-se a indústria da cana-de-açúcar⁴, o que deu início ao tráfico de escravos. Essas condições histórico-sociais determinaram a formação da realidade linguística das ilhas, sendo os primeiros crioulos os seus elementos principais (Hlibowicka-Węglarz, 2013: 107–110). Na etapa inicial do tráfico, os escravos vinham do antigo reino do Benim e, mais tarde, sobretudo de Angola e do Congo. No século XVI, distinguem-se as chamadas “fase de povoamento” (até 1520) e a “fase de plantação” (até finais do século XVI). Na primeira, havia dois grupos de escravos: aqueles para os quais as ilhas eram apenas um entreposto na sua “viagem”, e aqueles que ficavam lá, constituindo o lado produtivo no processo de criouliização⁵. As plantações, que funcionavam como “ilhas isoladas dentro de uma ilha”, também forneciam boas condições para a formação de novos sistemas de comunicação. Por causa do difícil povoamento das ilhas, em 1515, o rei D. Manuel emitiu um decreto no qual libertava as escravas que viviam com os colonizadores portugueses, bem como os seus filhos. Em 1517, numa carta de alforria, atribuiu os mesmos direitos aos escravos do sexo masculino. Esses ex-escravos, chamados de *forros*, junto com os *filhos da terra*, começaram a desempenhar um papel muito importante na administração do arquipélago (Alegre, 2005: 68, Hlibowicka-Węglarz, 2013: 111–115)⁶. No entanto, no século XIX,

⁴ Cf. Alegre (2005: 48–50): O chamado “ciclo da cana-de-açúcar” começou entre 1485 e 1493, sendo acompanhado pelo povoamento das ilhas com escravos africanos, e acabou entre 1800 e 1920. A introdução do café, em 1787, e cacau, em 1822, marcou o início de novos ciclos económicos.

⁵ Cf. Hagemeyer (1999a: 75–76): “Como provavelmente havia uma percentagem relativamente grande de mulheres entre os escravos do tipo doméstico, é muito sugestivo atribuir-lhes um papel-chave para a criouliização, tanto mais que sabemos que a miscigenação foi desde sempre uma realidade bem presente em São Tomé”.

⁶ Cf. Santo (1998a: 17): “Ora, o forro representa um conjunto humano-social constituído de escravos que se tornaram livres sobretudo através de cartas régias dos séculos XVI e seguintes, e de mestiços nascidos dos casamentos realizados

uma nova onda de imigração europeia, em busca de riqueza relacionada com a introdução da cultura do cacau e do café, estreitou as classes sociais e provocou um decaimento económico dos mestiços. A palavra ‘forro’ passou a designar, então, todos os naturais da ilha⁷.

Contexto linguístico

As línguas da zona analisada formam o chamado grupo dos crioulos do Golfo da Guiné. Como foi mencionado na nossa breve introdução histórica, o elemento africano que contribuiu para a primeira fase da sua formação baseava-se nas línguas nativas do Benim da família nigero-congolesa (kwa). Mais tarde, na “fase de plantação”, o tráfico de escravos atingiu regiões bantu, como o Congo e Angola, enriquecendo o leque linguístico do Golfo da Guiné, sobretudo da ilha de São Tomé, com influências do kikongo e kimbundo (Agostinho, Lima, 2017: 211–213). Como os escravos não passavam um tempo suficiente com os colonizadores para que a transmissão do português fosse regular, surgiu a necessidade de elaboração de uma língua veicular que facilitasse a comunicação interétnica.

Factos histórico-sociais e linguísticos sugerem que nos finais do século XV se terá formado um pidgin comum para a zona do Golfo que, mais tarde, se terá transformado num proto-crioulo de base portuguesa, com elementos edo e kwa. Na “fase de plantação”, este proto-crioulo, enriquecido em algumas zonas com mais influências bantu, começou a modificar-se, dando origem a quatro línguas crioulas de base comum: forro, angolar, principense e fa d’Ambu. As semelhanças que existem entre elas, então, advêm do antecessor comum e as diferenças que se podem observar hoje são resultado do isolamento de cada ilha e das influências linguísticas posteriores (Hlibowicka-Węglarz,

entre brancos e suas escravas do continente negro, tendo em conta que eram poucas as mulheres brancas que, nessa época, residiam nas ilhas do Equador”.

⁷ Mais sobre a história do arquipélago em Salvaterra (2009: 12–20) e Hlibowicka-Węglarz (2011).

2013: 123–125, 130; Agostinho, Lima, 2017: 211–212)⁸. Atualmente, de acordo com os dados fornecidos em *The World Factbook*, São Tomé e Príncipe é um país multilingue em que 98,4% da população fala português, a língua oficial do arquipélago, sendo esta a maior percentagem de todos os países com crioulos de base portuguesa (*The World Factbook*). Nenhum dos crioulos do Golfo da Guiné goza do estatuto de língua oficial e apenas um deles, o principense, está incluído no sistema educativo, sendo o uso dos outros mais comum em situações informais, um exemplo perfeito de diglossia (Agostinho, Lima, 2017: 209).

O crioulo forro

A predominância do crioulo forro, chamado também de santomense, são-tomense ou santomé (*lungwa santomé*), nota-se, sobretudo, na zona centro da ilha de São Tomé. Esta ilha começou a ser povoada em primeiro lugar e, ao longo da história, presenciou a maior mistura de povos, raças e línguas. O crioulo forro é, portanto, considerado como o crioulo mais antigo do Golfo da Guiné, resultado direto da evolução natural do proto-crioulo de base portuguesa, sobretudo na cidade capital (Agostinho, Lima, 2017: 212). Sendo o português a língua lexificadora, cerca de 93% do léxico forro deve-se à sua influência (Santo, 1998a: 301).

Estima-se que o crioulo forro tenha o maior número de falantes em comparação com os outros crioulos da zona⁹. O seu prestígio atual advém do facto de ter desempenhado o papel da língua dos escravos e mestiços libertados, que chegaram a ter um estatuto social importante depois da emissão das cartas de alforria. Além disso, na era colonial, foi um dos principais instrumentos de resistência, sendo a língua

⁸ Mais informações sobre o angolar, principense (*lunguyé, lungwié, lung'le*) e fa d'Ambu em: Agostinho e Lima (2017: 211–215), Hlibowicka-Węglarz (2013: 126–128), Hagemeijer (1999a) e (1999b), Alegre (2005: 68–69, 79–84).

⁹ De acordo com Alegre (2005: 81), 76,3% da população comunica em forro que é também a língua de cerca de 85% das composições musicais. Agostinho e Lima (2017: 215) indicam que se trata de 72,4% da população.

dos panfletos publicados para alertar o povo são-tomense (Salvaterra, 2009: 98). Hoje em dia, a maioria dos seus falantes reside nas cidades.

A importância da oralidade na cultura dos povos de São Tomé

É bem sabido que a tradição oral tem desempenhado um papel muito importante na cultura dos povos africanos, sendo o cofre do seu saber e da sua filosofia¹⁰. A ideia de continuidade entre a herança oral, radicada nos mestres da palavra, os chamados griots, e a literatura africana foi já defendida pelo grande representante da Negritude, Leopold Senghor. O griot é um especialista escolhido ou por linhagem, ou por profissão que detém o conhecimento dos textos mais longos, como epopeia, genealogias ou crónicas históricas, mantendo as ligações entre a sabedoria dos mais velhos e o mundo moderno (Leite, 1998: 14–39). Em São Tomé, a literatura oral é a principal fonte de inspiração para compositores musicais, contistas, romancistas e poetas (Alegre, 2005: 144).

Exemplos de textos de tradição oral são-tomense

No *corpus* que criamos para as necessidades do presente trabalho, encontram-se construções e vocábulos retirados dos seguintes tipos de textos de tradição oral local:

Aguêdê, ou adivinha, que surgiu nas cerimónias rituais em memória dos mortos, e é um dos componentes mais importantes da tradição oral, mas também da diversão são-tomenses. Transmitido de geração

¹⁰ Cf. Postioma (1968): “A palavra no meio africano goza de uma tarefa privilegiada; a palavra que foi pronunciada e produzida pelos antepassados encontra-se hoje como norma doutrinal e moral; ela continua ainda a operar, a instruir, a exortar e a guiar. Em África não falam somente os sábios e os poetas; todos gostam de falar. [...] A palavra é vida, é a expressão da alma, do ser mais profundo, do íntimo do coração. Um homem que não fala é doente ou falecido; falar é mostrar aos outros a própria vida: ‘Eu falo logo existo’. [...] A palavra africana é poderosa, dinâmica, porque é um símbolo que permite a uma força entrar em contacto com outro ser”.

em geração, é dito tradicionalmente à noite, tanto pelos forros como pelos angolares. Como exemplo, vejamos um *aguêdê* referente aos olhos: *Dôçu migu sá n'ũa valanda, maji ãa na ca bê ôtlô fa*¹¹ (Santo, 1998a: 195–198; Salvaterra, 2009: 46–50).

Véssu que pode ser constituído de aforismos, sentenças, axiomas, ditados, conselhos, provérbios, etc., isto é, de elementos que têm a sua origem na história, nos mitos ou nas estórias tradicionais. Pode ter a forma, por exemplo, de um jogo de palavras, com algum recurso metafórico, ou uma frase repetida sempre de maneira igual. Recita-se a qualquer hora com a finalidade de transmitir uma crítica social, um conteúdo pedagógico e moral ou as crenças e superstições do povo, sendo aproveitado, frequentemente, na criação musical e literária. Exemplos de *véssu*: *Sótxi sa sala món; Fomi na ca côîê cumé fá; Mina pô môlê, cumá cu cumá na ca blagá fa*¹² (Santo, 1998a: 198–200, Salvaterra, 2009: 24–43).

Contági que são contos populares sobre acontecimentos reais que marcaram a vida do povo. Podem ser evocados em quaisquer circunstâncias e não contêm elementos musicais¹³.

Sóia, isto é, estórias de ficção que se narram apenas nas cerimónias em memória dos mortos, sempre à noite, já que a violação destas regras pode incomodar os espíritos e causar a morte de um familiar próximo. Destacam-se pela presença de um griot que introduz as partes cantadas, auxiliado por um coro¹⁴.

Juras, pragas e sátiras, ou seja, textos breves e espontâneos que se produzem no dia a dia, numa situação conflituosa, sendo produto do hibridismo religioso-cultural do povo. As juras servem para manifestar o desagrado perante uma injustiça ou calúnia; as pragas têm como objetivo castigar o caluniador e nas sátiras, criticam-se os seus defeitos,

¹¹ Dois amigos estão numa varanda, porém não se veem (olhos).

¹² A sorte está na palma das mãos ('Ao afortunado até os gatos lhe põem ovos'); A fome não escolhe a comida ('À boa fome não há mau pão'); Morre a filha, não se desfaz o comadrio ('Não cai o mosteiro por falta de um abade').

¹³ Cf. um exemplo em Santo (1998a: 201–202).

¹⁴ Cf. exemplos em Santo (1998a: 202–208) e Salvaterra (2009: 110–120).

por exemplo: *Zàlima gúli cú bô*; *Bóca mó fuxim plôco*¹⁵ (Salvaterra, 2009: 50–55).

Letras de músicas tradicionais, sendo uma parte integrante da cultura dos povos africanos, têm acompanhado os são-tomenses tanto nos momentos mais importantes da sua história como no seu dia a dia. Por conseguinte, podem conter todos os elementos da oralidade anteriormente mencionados. O nosso *corpus* inclui letras de músicas tradicionais de alguns grupos mais destacados do país, por exemplo: Uémbé, Imprensa, Vitória, Almense, Leonino, etc¹⁶.

Padronização ortográfica do crioulo forro

No caso de São Tomé, as principais dificuldades para uma proposta científica de padronização ortográfica residem na representação das consoantes nasais, das vogais médias altas e baixas, do sistema tonal e acentual (cf. Araujo, Agostinho, 2010: 52–55). Até hoje em dia, não foram encontrados documentos com textos anteriores ao século XIX, escritos num dos quatro crioulos (Hagemeyer, 1999a: 74). Como o primeiro registo do forro, costuma ser considerado um auto-retrato crítico escrito na prisão por Francisco Stockler (1834–1881) e contido na famosa *Historia Ethnographica da ilha de S. Tomé* de Almada Negreiros (1895). O alfabeto usado neste caso é um sistema etimológico, isto é, baseado no alfabeto português, com pequenas modificações¹⁷.

A proposta de padronização que surge em 1979 é um sistema que também aproveita, na maioria dos casos, o português, com modificações como a introdução dos grafemas <k>, <w> ou <y>. Porém, Ferraz (1979), o seu autor, dando exemplos de vocábulos na sua gramática, usa o alfabeto fonémico. Em 2007, Fontes publica um dicionário

¹⁵ Que uma alma má o engula; Ter a boca como o focinho do porco.

¹⁶ Cf. alguns exemplos em Santo (1998a: 209–238).

¹⁷ Cf. uma descrição pormenorizada deste sistema em Araujo e Agostinho (2010: 55–56).

santomé-português que inclui a sua proposta de padronização ortográfica, seguindo, como regra principal, as ideias de Ferraz¹⁸.

Os preparativos para a padronização ortográfica das línguas de São Tomé foram também conduzidos pelo Centro Internacional de Culturas Bantus (Alegre, 2005: 79). Em 2010, surgiu uma proposta de um alfabeto padronizado para três línguas nacionais: forro, angolar e principense, o chamado ALUSTP (Alfabeto Unificado para as Línguas Nativas de São Tomé e Príncipe), apresentada por uma comissão científica. É um sistema de base fonético-fonológica que, portanto, se afasta dos projetos etimológicos anteriores¹⁹. A proposta foi aceite pelo governo são-tomense em 2013 (decreto n.º 19/2013), porém, uma grande parte da sociedade ainda não está familiarizada com as suas regras (Agostinho, Lima, 2017: 209, 218).

Por falta de espaço, não vamos analisar pormenorizadamente as características ortográficas dos textos nos quais se baseia o nosso *corpus*. Parece-nos, no entanto, importante salientar que as coletâneas analisadas foram publicadas em 1998 e 2009, o que faz com que ainda não se possam observar nelas os traços típicos do ALUSTP. Os trabalhos de Santo (1998a, 1998b), por exemplo, baseiam-se praticamente no alfabeto português e os diacríticos (´) e (^) marcam as vogais médias altas e baixas, sendo o primeiro deles também o marcador de tonalidade²⁰. Porém, os autores não conseguem evitar certas hesitações e incongruências ortográficas na representação dos mesmos sons, por exemplo: *ligimentu/lijimentu* (regime alimentar); *n'ganhá/nganhá/ganhá* (galinha); *hómé/home/omé* (homem); *mén/men* (mãe); *déça-mú/deçá mu* (deixa-me); *ca/ka* (marcador temporal), *tági/táji* (tarde); *moçu/mosu* (moço), etc.

¹⁸ Cf. uma descrição pormenorizada do sistema de Fontes em Araujo e Agostinho (2010: 59–61).

¹⁹ Cf. uma descrição das regras do ALUSTP em Araujo e Agostinho (2010: 63–72) e Agostinho e Lima (2017: 219–226).

²⁰ Cf. a descrição do alfabeto usado por Santo em Araujo e Agostinho (2010: 57–59).

Caraterísticas morfossintáticas do crioulo forro observadas no corpus

Analisando os textos que constituíram a base para a elaboração do *corpus*, limitámos a nossa escolha às caraterísticas mais representativas que podem formar pontos de comparação com a língua cabo-verdiana. Assim, destacam-se as seguintes categorias:

- **Artigo definido** omitido no singular, tem uso muito restringido no plural: *cu fé mélé* (que fez o mel); *vizinha s'ca bá loça?* (a vizinha vai para a roça?); *livlá nôcêntxi* (livrai os inocentes); *opé* (os pés); *nen moçu* (os rapazes)²¹; e o **indefinido** resume-se a *ũa / uã*, contraindo-se com as preposições *de* e *em*: *nuã bachá* (no mesmo galinheiro); *uã macucú* (uma pedra); *n'ũa valanda* (numa varanda); *ũa hómé* (um homem).
- **Substantivos** do *corpus* não variam em **número**. O plural costuma ser marcado por quantitativos de diferentes tipos: *dêntxi zustu* (todos os dentes); *inem mina cu inem moçu* (rapazes com raparigas); *sété stlada* (sete estradas); *iô plesente* (muitos presentes); *montxi pixi* (muitos peixes, cardume) *tudu muala* (todas as mulheres); *dôçu sunguê* (dois homens).
- **Aumentativos** formam-se por anteposição do adjetivo *mémé* ‘grande’ e os **diminutivos** por posposição dos quantitativos *piquina* e *txócó* ‘pequeno’: *mémé ké* (casarão); *ké piquina* (casinha).
- Observam-se dois **géneros**: o masculino e o feminino. Alguns nomes de animais, sendo epicenos, exigem a posposição dos elementos *hómé/home/omé* (homem) e *muála* (mulher): *moçu/moça, mina* (rapaz/rapariga); *n'ganhá/nganhá/ganhá* (galinha), *galo* (galo); *bódogi* (bode), *cábala* (cabra); *men* (mãe), *pé* (pai); *caçô hómé* (cão), *caçô muála* (cadela); *cabalu hómé* (cavalo), *cabalu muála* (égua).
- Nos **adjetivos**, reparámos apenas na variação em grau (comparativo de superioridade *maxi ... dô quê*, de igualdade *mó* e superlativo; exceto os adjetivos: bom, mau, grande e pequeno): *hózé tudu cuá maxi caru dô quê ónté* (hoje tudo é mais caro do que ontem); *gôdo*

²¹ Cf. Santo (1998b: 54): deuses e pessoas, apenas no plural, podem ser precedidos do artigo definido *nen* ‘os’.

mó zambá (grande como um elefante). Geralmente, não se observa concordância de gênero nem número: *n'ganhá blancu* (galinha branca); *ké/qué bèn labadu* (casa bem lavada); *papelú finá* (papel fino); *inem mína piquína* (as crianças).

- Encontraram-se exemplos de vários processos de formação do grau **superlativo**, tais como **relativo** *maxi ... di: muála maxi glavi di poçon* (a mulher mais bonita da cidade); ou **absoluto** *lumadu / mutu: pó sé sá vé mũto* (esta árvore é velhíssima). O último pode ser também marcado, recorrendo à repetição de um elemento ou a certas expressões fixas: *uê gôdo-gôdo* (olhos enormes); *blancu fenéné* (branquíssimo); *vlêmê babábá* (vermelhíssimo); *licu sónó-sónó* (riquíssimo); *finá lelélé / léquéléqué* (ótimo).
- **Pronomes pessoais** desempenham tanto a função do sujeito que não se omite, como dos complementos, sempre enclíticos²²: *N'bé* (fui); *ami tudaxi mêcê flogá* (eu também quero folgar); *deçá ùa xinta da mu* (deixou uma cinta para mim); *bô alê d'omáli* (tu és o rei do mar); *pa tudu pixi valê bô pa bô na môlê* (para que todos os peixes te possam ajudar para que não morras); *zaó pa pôvô fadá nón* (o povo respondeu-nos); *agola cuá cu nón s'ca bê* (mas o que estamos a ver); *é flá cani* (ele disse que era carne); *Zón bê êlé ni quintê cumá dê* (o João viu-o no quintal da sua comadre); *ê na solá pena fa* (ela não chorou as penas); *inem flá* (eles disseram); *putíne cuá mandá inem na ca linpá catálo fa* (perguntei-lhes porque não limpavam o nariz).
- **Determinantes possessivos** nos nossos exemplos são invariáveis e procedem o elemento determinado: *mén mu* (a minha mãe); *cupá mu* (o meu compadre); *inen anzo mu* (os meus filhos); *úbuê bô* (os teus males); *ké dê* (a sua casa); *bódó dê* (as suas margens); *téla dinen/dinem* (a terra deles); *n'ganhá nón* (a nossa galinha); *cabalu nancê* (o vosso cavalo).

²² Cf. Santo (1998a: 308): Na 1.a pessoa do singular, observa-se a distinção entre *ami* e *n'* (pronomes pessoais, *ami* também com preposição) e *mu* (pronomes do complemento direto e indireto). A 3.a pessoa do singular apresenta as seguintes variações: *ê* (pronomes pessoais); *êlé, é, ê* (pronomes do objeto direto); *é* (pronomes indiretos sem preposição); *ê, êle* (pronomes com preposição).

- **Preposições** são omitidas em alguns contextos, mas a sua omissão não segue sempre o mesmo esquema: *Dêçu mundo* (deuses do mundo); *nôtxi* (de noite), *sótxi sa sala môn* (a sorte está na palma das mãos); *piá cala mina* (olhem para a cara da rapariga); *bi quinté* (veio ao quintal); *sapatu cloncló lôngô* (sapato de salto alto), *amôlê mualala* (o amor das mulheres); *n' bá ké* (vou para casa); *moçu Génu fadá muála* (o Eugénio disse à mulher), *mas: pozá ni son* (pousar no chão); *migu d' homen* (amigo do homem); *cu aua uê ni uê* (com lágrimas nos olhos); *pé di ôtô mina* (pai de oito filhos).
- **Verbos** dividem-se em principais e auxiliares, que não admitem marcadores TMA (ir, querer, dever, poder, tornar, etc.); fortes (comprar) e fracos (ter). As formas não marcadas dos verbos fortes interpretam-se como ações passadas e dos verbos fracos como presentes: *ũa ste lantá ũa ké* (um esteio construiu uma casa); *n' tolá ũa pó* (abati uma árvore); *n' bé n' bi n' sai mé* (fui e vim mas não saí do meu lugar); *mén mu môlê* (morreu a minha mãe); *mina pô môlê* (a filha pode morrer); *sum Mistel fadá mu* (o Sr. Mistel disse-me); *Santomé tê sété stlada* (São Tomé tem sete estradas); *bô bê cuá cu bô goló* (já viste o que procuraste); *ami tudaxi mēcê flogá* (eu também quero folgar); *hómé vizinha dá mu ũa cuá* (o seu marido deu-me algo); *mas: ê ca tê ũa sala dê* (têm uma saia); *quê nguê ca pô libé* (ninguém o pode impedir).
- Encontrámos representantes de cinco **conjugações verbais**, sendo muitos elementos dos dois grupos adicionais, terminados em *-o* e *-u*, de origem africana: *quiá* (criar); *fulú* (querer) *cuê* (querer); *solá* (chorar); *tufú* (meter); *flá* (falar); *quêcê* (esquecer); *fugi* (fugir); *molê* (morrer); *dessá* (deixar); *sobê* (chover); *nancê* (nascer); *pidji* (pedir); *fô* (sair); *goló* (procurar).
- Falta da **flexão verbal** provoca o uso obrigatório dos pronomes do sujeito. Os marcadores do sistema TMA (ou MTA, refletindo a ordem dos elementos na oração), às vezes, reforçados por

advérbios de tempo *lógó*, *amanhã* e *máxi tági/táji* (mais tarde), são os seguintes²³:

Ø (perfeito; presente nos verbos estativos): *n'bé n'bi n'sai mé* (fui e vim mas não saí do meu lugar); *Santomé tē sété stlada* (São Tomé tem sete estradas);

sa ka ~ ska (presente progressivo, pretérito perfeito progressivo): *nón sá ca valá ni stlada* (íamos pela estrada); *san Ginga só s'ca solá* (a senhora Ginga estava a chorar);

ka (habitual, futuro): *tudu cuá cu ca custá calu ca bilá blatu* (tudo o que é caro torna-se barato); *máxi táji n'ga clôsê camisa bô* (mais tarde coserei a tua camisa)²⁴;

tava ~ ta (mais-que-perfeito): *muála sum tava cu léva punda sum na tava dluhini ni ké fa* (a mulher estava aborrecida porque o senhor não tinha dormido em casa);

tava ka ~ ta ka (passado imperfeito, passado habitual, passado progressivo): *ũa sunguê tava ca vivê* (um homem vivia); *ũa Tluqui tava ca bi tudu plamá* (um Truqui ia todas as manhãs); *ami ku kompa mu nos ta ka dêšê ba poson* (eu e o meu colega estávamos a descer à cidade);

ka sa ka ~ ka ska (habitual / futuro progressivo, iterativo; insistência): *ola ku ê ka sa ka dumini, n'ga manda tom'e pê n'ũa tlen* (quando ele estiver a dormir, ponho-o na carrinha); *kada vê cu ê ka ska kanta, mulu ka ka subli ba liba* (cada vez que ele canta, o muro cresce);

ka ka (habitual / futuro progressivo, iterativo): *kada vê cu ê ka ska kanta, mulu ka ka subli ba liba* (cada vez que ele canta, o muro cresce);

²³ Cf. Hlibowicka-Węglarz (2013: 148–154). Bartens (1995: 22) classifica os marcadores TMA no são-tomense em: /ftava, tava/ (tempo); /ka/ (modo); /KA/ com as variantes /ka, fska, ka, sa, ka/ (aspetos progressivo e habitual) e /za/ (aspeto completivo).

²⁴ O marcador *ga* é uma variante fonética do marcador *ka* (Ferraz *apud* Hlibowicka Węglarz, 2013: 149).

sa ska (presente progressivo, pretérito perfeito progressivo, aspeto durativo): *sempre non sa ska koplá lôpa zêntxi* (sempre compramos e compramos roupa);

tava ka ska / tava ka ka (passado habitual progressivo, iterativo): *mosu tava ka ska mintxila* (o moço estava a mentir e a mentir); *ke tava ka ka klêse, ka klêsê* (a casa estava a crescer, a crescer);

kú (morfema modal, sobretudo nas orações finais e condicionais): *xi nón ca bé* (se nós fôssemos); *xi nón ca tava bé* (se nós tivéssemos ido); *pa bô ká be ku ami* (para poderes ir comigo).

- marcadores da modalidade deôntica *selá* (dever/ter de) e *milhon* (melhor): *selá n'bé* (tenho de ir); *milhon p'an pô môlê ê* (prefiro morrer); *milhon un tê sabon* (é melhor ter sabão).
- Observa-se o processo de **negação circumoracional** com um elemento pré- e outro pós-verbal *na...fa*²⁵. A omissão de um dos elementos é possível: *chi papo na da fa* (se não tens boa voz); *ê na sá padê fa* (não é padre); *a na ca ximiá baná ni lôça lendadu fa* (não plantes banana na roça arrendada); *na tê fôgô fa* (não tinha fogo); *póbli na ca zeta cuméfa* (o pobre não rejeita a comida); *mas: a na ca flá cu fanhá ni boca* (não se pode falar com a farinha na boca).
- No *corpus*, observámos ainda um fenómeno interessantíssimo relativo ao sistema verbal, ou seja, a **serialização** que consiste no uso de pelo menos dois verbos que se referem a um sujeito e uma ação, excluindo, por exemplo, os verbos auxiliares ou modais)²⁶:

²⁵ A forma do marcador pré-verbal *na* provavelmente provém do advérbio de negação português *não* mas a etimologia no marcador pós-verbal *fa* não é conhecida (Hlibowicka-Węglarz, 2013: 170). Hagemeyer (1999a: 81–82) sugere que “[...] a partícula pré-verbal *na* contribuiu com o valor negativo, enquanto *fa* seria uma marca enfática que tipicamente se associava à negação. Por contaminação de *na*, *fa* pode ter consolidado um valor inerentemente negativo, que mais tarde lhe permitiu ocorrer sozinho em contextos negativos, opcionalmente dispensando a presença de *na* nas diversas línguas”.

²⁶ As línguas do grupo *kwa* são as únicas no continente africano que empregam a serialização verbal, o que confirma o substrato nigero-congolês (Hlibowicka-Węglarz, 2013: 171).

bamu zunta koplá mindjan (vamos juntar comprar remédio: ‘vamos comprar remédios juntos’); *toma ope bi lêlê mu* (tomar pés vir acompanhar me: ‘vem ter comigo a pé’); *ê sayá kanwa pê matu* (ele puxar canoa pôr mato: ‘ele puxou a canoa para o mato’).

- O último fenómeno que gostávamos de evocar e que, no *corpus*, concerne várias categorias gramaticais, indicando uma grande quantidade de algo ou tendo uma função enfática, é a **reduplicação**²⁷: *opé dúmu-dúmu* (pernas grossas), *n’quiliê n’quiliê* (enrolei-a muito); *léve-léve* (devagar, tranquilamente); *tudu xincu xincu muála* (todas as cinco mulheres); *tempo tempo ê cá tê pena* (com o tempo nascer-lhe-ão penas); *fi-fi ca fá cliston* (pouco a pouco faz muito).

Para resumir as observações morfossintáticas dos exemplos do *corpus* analisado, achamos importante dividir as características do crioulo forro em: comuns a todos os crioulos de base portuguesa e intrínsecas ao grupo do Golfo da Guiné. Quanto ao primeiro grupo, é-nos possível observar a ordem básica de palavras SVO, a predominância do artigo indefinido invariável e a falta de concordância em género e número entre o nome e os seus determinantes. No sistema preposicional, ressaltam omissões, modificações ou, em menor número de casos, manutenções, relativamente à língua lexificadora. A reduplicação costuma ser o principal processo de ênfase. Os traços do segundo grupo vão ser destacados em comparação com o cabo-verdiano como representante dos crioulos da Alta Guiné.

Algumas notas contrastivas com o crioulo cabo-verdiano

Ao compararmos as circunstâncias da formação dos crioulos do Golfo da Guiné e de Cabo Verde, reparamos logo em algumas analogias. Os portugueses, ao chegarem a ambas as zonas, encontraram-nas desabitadas. Os respetivos processos de povoamento incluíram escravos da costa ocidental africana. O fenómeno de crioulição, com as suas

²⁷ Mais informações sobre este processo nos crioulos de base portuguesa em Couto (1999: 61–79).

variações cronológicas e geográficas, compreendeu todo o território dos dois países, tendo como base lexical a língua portuguesa e como substrato, línguas da família nigero-congolesa. (Hlibowicka-Węglarz, 2013: 114–115, 129–130). No entanto, de acordo com Perl (1982: 3), as razões para a parcial incompreensibilidade residem nos diferentes graus de africanização e de lusificação: a influência do substrato africano ocidental é significativamente maior nos crioulos do Golfo da Guiné.

Por dispormos de um espaço limitado, enumeremos apenas algumas convergências e divergências que nos parecem as mais notáveis quanto à morfossintaxe do crioulo forro e da língua cabo-verdiana. Como já foi dito, a ordem básica de palavras nos dois casos é SVO. No entanto, ao passo que a posição dos modificadores do nome no cabo-verdiano, à exceção de adjetivos e orações relativas, é pré-nominal, no crioulo forro os demonstrativos e possessivos colocam-se depois do nome. O sistema verbal cabo-verdiano é composto de três grupos de verbos, analógicos aos da língua lexificadora, enquanto o forro goza de dois grupos adicionais terminados em *-o* e *-u*, de origem africana, e os verbos se classificam em fortes e fracos, tendo as suas respetivas regras de uso. Na expressão das relações TMA, a língua cabo-verdiana dispõe, entre outros, de um sufixo temporal *-ba* pós-verbal (*N kon-tabá bu*: eu tinha-te dito), mas no forro todos os marcadores são pré-verbais, colocando-se na ordem MTA. A negação no cabo-verdiano é tipicamente pré-verbal e expressada pelo marcador *ka* (*N ka ta papia*: eu não falo). O forro constitui um exemplo de negação descontínua representada pelo conjunto *na ... fa*. Os dois crioulos admitem negação dupla (*ningin ka ta pega kanderu*: ninguém acende a lanterna / *nadaxi na pasa fa*: nada aconteceu). O processo de serialização verbal é uma estratégia típica dos sistemas do Golfo da Guiné e, sendo assim, não se observa no cabo-verdiano (Hagemeijer, Alexandre, 2012: 238–243). Sintetizando, podemos afirmar que as divergências observadas afastam mais o crioulo forro do padrão português e são resultado da influência mais acentuada do substrato africano no Golfo da Guiné e do maior acesso à língua lexificadora no caso da Alta Guiné (cf. Hagemeijer, Alexandre, 2012: 238–243).

Referências bibliográficas

- ANTUNES DE ARAUJO, G., DOS SANTOS AGOSTINHO, A. L. (2010), “Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe”, *Línguas e instrumentos linguísticos*, 26, Campinas-SP, p. 49–81.
- BARTENS, A. (1995), “Considerações preliminares sobre os sistemas verbais dos crioulos de base portuguesa e sobre os contínuos dialectais” em: Viegas Brauer-Figueiredo, M. F. (ed.), *Actas do 4.º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Lidel, Lisboa, p. 21–27.
- COSTA ALEGRE, F. (2005), *Santomensidade*, Banco Internacional de S. Tomé e Príncipe, São Tomé.
- CZOPEK, N. (2016), “*Na bóka noti* de Tomé Varela da Silva como reflexo de uma das propostas de padronização ortográfica do crioulo cabo-verdiano” em: Hlibowicka-Węglarz, B., Wiśniewska, J., Jabłonka, E. (eds.), *Língua Portuguesa Unidade na Diversidade*, Wydawnictwo Uniwersytetu Marii Curie-Skłodowskiej, Lublin, p. 135–149.
- CZOPEK, N. (2017), “O basileto crioulo das ilhas de cabo verde no romance *Odju d’agu* de Manuel Veiga” em: Rosa, G. L. de, Abreu Chulata de, K., Atti, F. degli, Morleo, F. (eds.), *De volta ao futuro da língua portuguesa. Atas do V SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*, Universidade de Salento, Lecce, p. 185–202.
- CZOPEK, N. (2018), “Crioulos de base portuguesa de Cabo Verde e de Ziguinchor (Senegal): estudo contrastivo” em: Krupa, R., Piechnik, I. (eds.), *Saint-Exupéry relu et traduit*, Biblioteka Jagiellońska, Cracóvia, p. 25–44.
- CZOPEK, N. (2020), “Uso das línguas cabo-verdiana e portuguesa em contexto religioso na ilha de São Vicente, em Cabo Verde” em: Marczuk, B., Piechnik, I. (eds.), *Discours religieux. Langages, textes, traductions*, Biblioteka Jagiellońska, Cracóvia, p. 389–403.
- DOS SANTOS AGOSTINHO, A. L., BANDEIRA DE ANDRADE LIMA, M. (2017), “Línguas nacionais de São Tomé e Príncipe e ortografia unificada”, *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, 31, Lisboa, p. 209–229.
- ESPÍRITO SANTO, C. (1998a), *A coroa do mar*, Editorial Caminho, SA, Lisboa.

- ESPÍRITO SANTO, C. (1998b), “O crioulo forro. Artigos, substantivos e adjetivos”, *Camões: Revista de letras e culturas lusófonas*, 1, Lisboa, p. 54–59.
- FERRAZ, L. Ivens (1979), *The Creole of São Tomé*, Witwatersrand University Press, Joanesburgo.
- HAGEMEIJER, T. (1999a), “As ilhas de Babel. A criouliização no Golfo da Guiné”, *Camões. Revista de letras e culturas lusófonas*, 6, Lisboa, p. 74–88.
- HAGEMEIJER, T. (1999b), “Verbos e gramaticalização em são-tomense” em: Pereira, D. et al. (eds.), *Crioulos de base portuguesa. Actas do workshop sobre crioulos de base lexical portuguesa*, FLUL, Lisboa, p. 111–126.
- HAGEMEIJER, T. (2009), “As línguas de São Tomé e Príncipe”, *Revista de crioulos de base lexical portuguesa e espanhola*, 1 (1), Lisboa, p. 1–27.
- HAGEMEIJER, T., ALEXANDRE, N. (2012), “Os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné: uma comparação sintática”, *PAPIA*, 22 (2), São Paulo-SP, p. 233–251.
- HLIBOWICKA-WĘGLARZ, B. (2011), “A origem dos crioulos de base lexical portuguesa no Golfo da Guiné”, *Romanica Cracoviensia*, 11, Cracóvia, p. 177–185.
- HLIBOWICKA-WĘGLARZ, B. (2013), *Portugalskie języki kreolskie w Afryce*, Wydawnictwo UMCS, Lublin.
- HONÓRIO DO COUTO, H. (1999), “A reduplicação nos crioulos portugueses” em: Pereira, D. et al. (eds.), *Crioulos de base portuguesa. Actas do workshop sobre crioulos de base lexical portuguesa*, FLUL, Lisboa, p. 61–79.
- LEITE, A. M. (1998), *Oralidades & escritas nas literaturas africanas*, Edições Colibri, Lisboa.
- NEGREIROS, A. (1895), *Historia Ethnographica da ilha de S. Tomé*, [online] <https://archive.org/details/historiaethnogr00negrgoog/page/n5/mode/2up>, 7.12.2021.
- OLIVEIRA, A. de, LIMA CRUZ, M. A., GUERREIRO, I. J., CONTENTE DOMINGUES, F. (1999), *História dos descobrimentos e expansão portuguesa*, Universidade Aberta, Lisboa.
- PERL, M. (1982), “Acerca de alguns aspetos históricos do português crioulo em África”, *Biblos*, 58, Coimbra, p. 1–12.

POSTIOMA, A. da (1968), *Filosofia Africana*, Seminário Arquiepiscopal, Luanda.

SALVATERRA, J. (2009), *Mungungo. Mitos e cultura santomenses*, Embaixada do Brasil na República de S. Tomé e Príncipe, São Tomé.

The World Factbook, [on-line] <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/sao-tome-and-principe/>, 7.12.2021.